

Helena Mateus Silva

Universidade dos Açores

RETROACÇÃO ASPECTO/TEMPO NA TEXTUALIDADE

"(...) aspect and tense do sometimes
impinge on one another (...)"

B. COMRIE (1976/1987; p.66)

0. Começaria por afirmar ser desaconselhável pretender-se demarcar fronteiras entre tempo e aspecto, ou, por outras palavras, questionar quaisquer princípios pretensamente objectivos para a resolução da interrogação, intemporalmente dubitativa: *onde termina o tempo e começa o aspecto ou vice-versa?*

Apesar de tal premissa ser verdadeira, prevendo-se em consequência resultados questionáveis e provisórios, atrevi-me a intitular esta comunicação **Retroacção aspecto/tempo na textualidade**, partindo, portanto, da diferenciação destas duas categorias linguísticas e dos processos gramaticais e lexicais que as individualizam.

Principal objectivo deste trabalho é tentar demonstrar a influência do aspecto para o redimensionar do tempo na textualidade, depreendendo-se um fenómeno de retroacção entre o aspecto e o tempo, posto que as marcas aspectuais determinam "modificar o que está feito". Utilizarei, para justificar esta posição, exemplos extraídos de dois textos narrativos, dois romances:

Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio e *O Além da Ilha* de José de Almeida Pavão, textos que têm em comum muito mais do que terem sido escritos por dois autores açorianos, mais do que a intertextualidade homonímica das duas heroínas (Margarida Clark Dulmo e Margarida da Silva Gonçalves), têm a percorrê-los o binómio açorianidade/insularidade, assim definida, esta última, em *Memento no Além da Ilha*: "O nascer e/ou o viver numa Ilha. O ser sempre Ilha. O ter corpo e alma de Ilha, mesmo fora dela. O ter presente uma ausência perene. Uma perpétua saudade que identifica a ânsia da partida com o desejo de retorno. (...) A verdadeira Ilha, que transita das coordenadas geográficas para um mundo de irreabilidade que se interioriza em mim, participando dum devir que só morre com a alma".

1. "É universal o conceito de que as unidades de tempo são extra-linguísticas, isto é, que essas unidades existem independentemente da gramática de qualquer língua natural. No entanto, todas as línguas têm referências linguísticas próprias para marcar esta realidade extra-linguística."¹ O conceito de tempo está gramaticalizado, na maioria das línguas, em duas categorias linguísticas—tempo e aspecto. Para a língua portuguesa a tradição gramatical regista os tempos verbais como marcadores por excelência da referência temporal, associando o aspecto ao processo verbal. As definições de tempo e aspecto, propostas por CUNHA e CINTRA (1984/1987), são exemplo dessa tradição. Para estes gramáticos "tempo é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo" (p.379), enquanto o aspecto "é uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como concluída, i. é., observada no seu término, no seu resultado;

¹ - Cf. QUIRK, GREENBAUM, LEECH e SVARTVIK (1972/1991:p.84)- (Tradução minha).

ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição." (p. 380).

Largamente difundido pela linguística moderna está o conceito de que o tempo — "localização de uma situação ou de um estado de coisas no tempo (externo) cronológico"— se gramaticaliza quer através das formas verbais quer através de expressões adverbiais e de conectores frásicos com valor temporal. O mesmo acontece para o aspecto, pois "as diferentes maneiras de conceber o desenrolar da temporalidade interna de uma dada situação"² encontram-se gramaticalizadas em processos lexicais e gramaticais, registando-se nos primeiros a classe de predicados e a formação de palavras e nos segundos as formas verbais, os verbos aspectuais e expressões adverbiais³. E, como afirma O. LOPES (1972; p.227) "o aspecto como ordenação complexa de intervalos", o contraste entre o aoristo (perfeito) e o progressivo (imperfeito), "não depende só, em português, das desinências ou perfrases, mas também, se não principalmente, do jogo de contrastes entre preposições como *em* e *durante*, advérbios como *então* e *entretanto*, conjunções como *quando* e *enquanto*."

Sublinhe-se que estas duas categorias linguísticas — tempo e aspecto— têm ambas a ver com a temporalidade de um estado de coisas, opondo-se principalmente pelo valor deféctico do tempo e não-deféctico do aspecto.

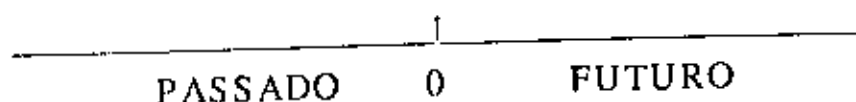
2. Demarcar o tempo no *modo de enunciação experiencial*, ou a "ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicção

2 - Considerando que a categoria linguística aspecto pode expressar-se através de outras classes gramaticais e lexicais para além do verbo, retomo, por considerá-la mais adequada, a definição de aspecto proposta em COMRIE (1976/1987; p.3): "aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation".

3 - Cf. MATEUS, M.H. Mira et alii (1983/1989; p.95 e ss).

relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma" (MATEUS et alii (1983/1989; p.76), tem sido preocupação de muitos linguistas, distinguindo-se, entre as várias teorias, a semântica de intervalos, a teoria de Reichenbach (1947) para a especificação temporal das três noções de tempo — *tempo do discurso (TD)*, *tempo referencial (TR)* e *tempo do acontecimento (TA)* e o quadro das estruturas da representação discursiva de Kamp⁴.

Relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade podem ser demarcadas na tripartição temporal —presente, passado e futuro—, representada, segundo a filosofia de Western, através de uma linha recta, em que num ponto dado se indica o zero para localizar o presente, à esquerda do qual se representa o passado e à sua direita o futuro:



Tomando como ponto zero da enunciação a referência espacio-temporal centralizada no *hic et nunc*, ao presente cabe exprimir relações de simultaneidade, sendo o TD simultâneo ao TR ($TD=TR$); no passado estabelecem-se relações de anterioridade, o TR precede o TD ($TR<TD$), enquanto no futuro se indicam relações de posterioridade, poscedendo o TR o TD ($TR>TD$).

Presente, passado e futuro encontram-se gramaticalizados nos tempos verbais: o presente no presente e futuro do indicativo; o passado no pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo e o futuro no presente do indicativo, futuro do indicativo e do conjuntivo, imperativo e presente do conjuntivo. Este valor temporal, distribuído pelos tempos verbais, pode ser,

⁴ - Para uma abordagem sucinta do tratamento do tempo segundo os modelos enunciados, cf. MATEUS et Alii (1983/1989; p.76 e ss.) e OLIVEIRA (1991).

contudo, alterado segundo o contexto sintáctico, atribuindo-se aos tempos verbais valores temporais diferentes dos acima referidos. Atente-se no exemplo (1):

(1) No 25 de Abril, Portugal **vive** uma adolescência colectiva de quem aguarda impaciente a passagem à idade adulta.

A forma **vive** localiza a situação no passado; estamos perante uma forma do chamado presente histórico, que penso, neste caso, não presentifica o estado de coisas, antes atribui-lhe um valor aspectual durativo, pois se substituirmos o presente **vive** pelo pretérito **viveu**, a localização no tempo será a mesma, determinada pelo SP que precisa o tempo— 25 de Abril de 74.

Embora as formas verbais não apresentem, no português, morfemas flexionais privativos do aspecto, a alguns tempos verbais estão associados determinados valores aspectuais. Por exemplo, opõem-se tempos simples a tempos compostos pelo valor aspectual pontual dos primeiros e durativo dos segundos. Exemplo canónico são frases como (2) e (3):

(2) A falta de competitividade da agricultura na Europa transformou esta actividade num verdadeiro quebra-cabeças.

(3) A falta de competitividade da agricultura na Europa **tem transformado** esta actividade num verdadeiro quebra-cabeças.

Porém, se inserirmos uma expressão locativa na frase (2), como em (2)a, o valor aspectual da situação descrita é também durativo, anulando-se a diferença aspectual entre pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto:

(2)a. A falta de competitividade da agricultura na Europa transformou, **nos últimos anos**, esta actividade num verdadeiro quebra-cabeças.

Caso paradigmático, no português, da oposição de dois tempos verbais através do aspecto é o do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito do

indicativo, assente no valor pontual do primeiro e durativo do segundo. Constatase, então, a importância da marcação aspectual nas relações de temporalidade, pois sempre que uma oposição temporal se faz em termos perfectivo /imperfectivo, essa oposição é aspectual. Sublinhe-se, a esse respeito, a afirmação de COMRIE (1976/1987; p.3): "The difference in French between *il lisait* et *il lut*, or in English between *he was reading* and *he read*, is not one of tense, since in both cases we have absolute past tense. It is in this sense that we speak of aspect as being distinct from tense, and insist on such oppositions as that between perfective and imperfective being treated as aspectual, even where the grammatical terminology of individual languages has a tradition of referring to them as tenses."

Uma vez que, em português, não temos duas entradas lexicais para indicar *time* e *tense*, a ambiguidade do lexema *tempo* é mais embaraçosa, sendo necessário o recurso à adjectivação para distinguirmos tempo cronológico de tempo linguístico. Para evitar tal ambiguidade registre-se a operacionalidade do trinómio temporalidade—tempo—aspecto, resultando a fórmula:

temporalidade=tempo+aspecto.

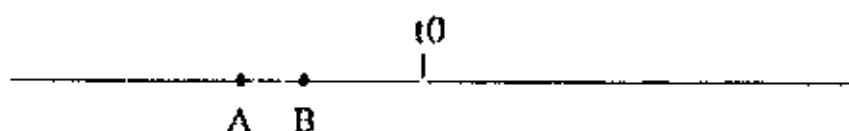
3. Apresentados, muito sumariamente, estes considerandos acerca do tempo e do aspecto, regresso ao propósito inicial — demonstrar a influência do aspecto para o redimensionar do tempo na textualidade.

Ao analisarmos a temporalidade do estado de coisas descrito em (4):

(4) A Ilha—ermo transmutava-se num objecto de sonho e de refrigério. Agora era outra Ilha que ela tinha dentro de si e do seu desamparo. " (Almeida Pavão (1990; 151),

temos a salientar duas localizações no tempo passado: A (A Ilha—ermo transmutava-se num objecto de sonho e de refrigério) e B (Agora era outra Ilha que ela tinha dentro de si e do seu desamparo), em que A. é anterior a B., separadas pelo

advérbio temporal *agora*, com o valor de *depois*, que permitirá atribuir a "transmutava-se" o valor de pretérito perfeito composto (tinha-se transmutado), apresentando-se para o tempo deste estado de coisas a seguinte representação:



Contudo, a representação da temporalidade desta situação só estará completa se acrescentarmos a extensão ou a duração da mesma presente nas marcas de imperfeito, apresentando A e B valor aspectual durativo:

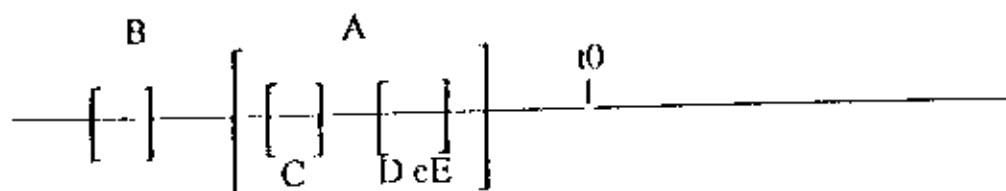


Já na situação (5):

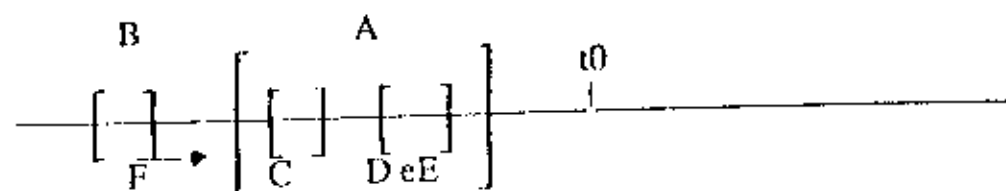
(5) "Quando lá em casa se falava às visitas de coisas que se tinham passado há sete anos (e sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo), a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo e dizia, enquanto ela se sujeitava ao exame irónica e longínqua: "Vê? Ficou assinalada..." (Vitorino Nemésio (1944; p.51))

o pretérito imperfeito continua a localizar o estado de coisas descrito no passado, mantendo uma relação de simultaneidade entre si e de posterioridade com o mais que perfeito composto "que se tinham passado há sete anos". Quanto ao aspecto, o valor durativo iterativo/frequentativo é marcado pelo advérbio *quando*, que determina que a duração de A abranja a de C, D e E, propondo-se a seguinte representação:

- A - Quando lá em casa se falava às visitas
- B - de coisas que se tinham passado há sete anos
- C - a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo
- D - dizia — Vê? Ficou assinalada
- E - enquanto ela se sujeitava ao exame irónica e longínqua



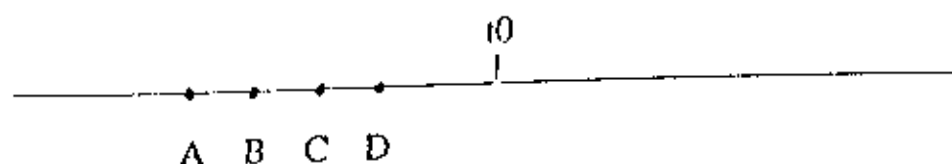
Se repararmos ainda na situação D (dizia — Vê? Ficou assinalada), podemos acrescentar uma nova marca temporal/aspectual fazendo coincidir o tempo de F (ficou assinalada) com B, mas prolongando-se na sua duração pela extensão do predicado estativo, interpretando-se *ficou e permanece assinalada*:



Passemos a uma nova situação:

(6) " Margarida acordou às oito horas. (...) Atirou com a dobra do lençol e (...)procurou com o pé as chinelinhas no chão. Chegou à janela." (Vitorino Nemésio (1980;58)

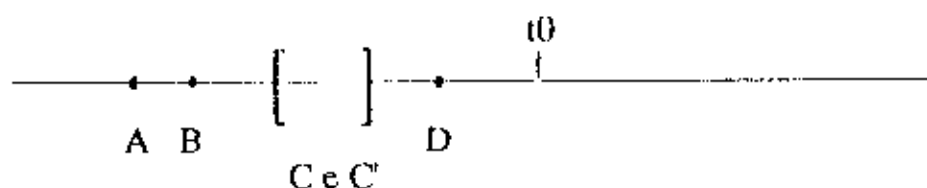
Neste exemplo, apresentam-se quatro estados de coisas sucessivos de aspecto pontual conclusivo (A - Margarida acordou; B - Atirou com a dobra do lençol; C - procurou as chinelinhas no chão; D - Chegou à janela), que poderemos representar do seguinte modo:



Se completarmos o exemplo, tal como está no texto, a sua representação terá de ser alterada:

(6)a. "Margarida acordou às oito horas. (...) Atirou com a dobra do lençol e, enfiando o robe de chambre, procurou com o pé as chinelinhas no chão. Chegou à janela."

A presença do gerúndio (enfiando), indicando um valor aspectual durativo cursivo irá alterar o aspecto pontual de *C-procurou*, pois teremos de atribuir-lhe a mesma duração de "enfiando", dando-se à frase a seguinte interpretação: Margarida procurou as chinelinhas durante o tempo em que enfiou o robe. Assim, o pretérito perfeito perde o seu valor aspectual pontual e ganha um valor aspectual durativo. A situação *C - procurou as chinelinhas no chão* - terá uma nova representação temporal/aspectual, coincidente com a situação *C' - enfiando o robe de chambre* :



A projecção do valor aspectual durativo sobre um perfeito (aspecto pontual) pode ser analisada no ex. (7), em que o valor aspectual durativo do imperfeito *apanhava* estende-se ao perfeito *encostou-se* por influência do advérbio *enquanto*, fazendo coincidir a duração de ambas as acções:

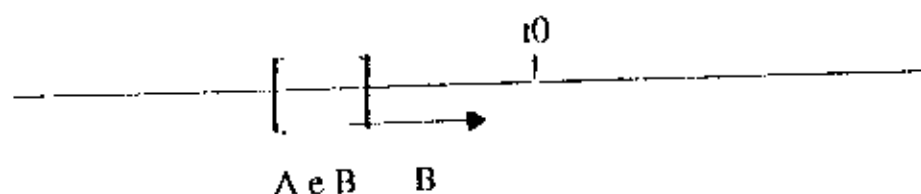
(7) "Margarida, enquanto o ti Amaro de Mirateca apanhava bacelo e folha de cana para a cama, encostou-se nas palhas" (Vitorino Nemésio (1944/1980; 322))

Daqui se infere a capacidade de um perfeito representar um valor aspectual durativo por extensão do valor durativo de outras formas verbais durativas, principalmente de imperfeito e de gerúndio, dependente essa relação dos conectores frásicos.

Por outro lado, a duração de duas situações descritas através do pretérito imperfeito poderão não ser concomitantes, variando a extensão do intervalo de tempo em que se localiza uma e outra pela classe do predicado—exemplifique-se com (8):

(8) "Ainda se divisavam ao longe, num último adeus, lenços acenando, empapados pelas lágrimas dos que ficavam". (Almeida Pavão (1990; 17)

Há um intervalo de tempo em que A (Ainda se divisavam ao longe) e B (empapados pelas lágrimas dos que ficavam) coincidem, mas B prolonga-se em relação a A: o advérbio temporal *ainda* vem determinar o fim breve da situação A, enquanto o predicado estativo "ficavam" prolonga a situação B, logo B mantém com A uma relação de simultaneidade mas também de posterioridade:



Quanto ao valor [+temporal] ou [+aspectual] do pretérito imperfeito, a sua especificação é principalmente demarcada no contexto. Para uma situação como (9):

(9) "O barco entrava agora definitivamente no mar alto". (Almeida Pavão (1990; 21)

poder-se-á propor duas interpretações: ou o advérbio *definitivamente* sobrepõe-se ao valor aspectual durativo atribuído ao imperfeito *entrava*, conferindo-lhe um valor aspectual perfectivo pontual conclusivo (*entrou*), ou se acentua o valor presentificativo do advérbio *agora*, mantendo-se o valor imperfectivo durativo cursivo, interpretado como presente = *está a entrar*.

*
* *

Em que medida as oposições aspectuais estativo/não-estativo, durativo/não-durativo, pontual/não-pontual, progressivo /não-progressivo alteram a localização de uma situação no passado, no presente ou no futuro? é a questão que deixo formulada.

Com esta breve exposição não será possível quantificar o fenómeno de retroacção aspecto/tempo, todavia ser-me-á lícito afirmar que a temporalidade de um estado de coisas não é determinada nem pelos marcadores temporais nem aspectuais isoladamente, mas pela interacção de ambos, para a qual é determinante o contexto sintáctico das formas verbais, os conectores frásicos e expressões adverbiais locativas. Por último, aluda-se ao facto de a importância da influência do aspecto na demarcação temporal na textualidade, que creio ser privativa de cada texto, ou melhor de cada contexto, perdurar *in fieri* (para ser feita).

Referências Bibliográficas

- BACIL, E. (1980), "Tenses and Aspects as Functions on Verb Phrases", in C. ROHRER (orf.), *Time/Tense and Quantifiers*, Niemeyer, Tubinga.
- BENNETT, M. e PARTEE, B. (1978), *Toward the logic of Tense and Aspect in English*, Indiana University Linguistics Club, Bloomington.
- CAMPOS, Henriqueta Costa (1984), "Pretérito perfeito simples—pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal", in *Letras Soltas* 2, pp.11-53.
- CARVALHO, José Herculano de (1984), "Temps et aspects. problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe", in *Estudos Linguísticos*, vol.3, Coimbra Editora, Coimbra.
- COHEN, David (1989), *L'Aspect verbal*, PUF, Paris.
- COMRIE, Bernard (1976), *Aspect*, Cambridge University Press, Cambridge, 4^{ed.}, 1987.
- (1985), *Tense*, Cambridge University Press, Cambridge.
- CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, L. F. (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 4^{ed.}, 1987.
- DAVID, J. e MARTIN, R. (eds) (1980), *La notion d'aspect*, *Actes du Colloque sur la notion d'aspect*, Metz, Klincksieck, Paris.
- DEMONTE, V. (1991) "Tiempo y aspecto en los predicativos adjetivos" in *Detrás de la palabra, Estudios de gramática del español*, Alianza Editorial, Madrid (pp.116-154).
- DOWTY, D. R. (1972), *Studies in the logic of verb aspect and time reference in English*, Studies in Linguistics I, Department of Linguistics, University of Texas at Austin.
- FONSECA, Fernanda Irene (1984), "Para o estudo das relações de tempo no verbo português", in *Boletim de Filologia*, Tomo XXIX, pp.405-420.
- KAMP, H. (1981), "Evénements, représentations discursives et référence temporelle", in *Langages* 64, p.39-64.
- LOPES, Óscar (1972), *Gramática Simbólica do Português*, Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa.
- MATEUS, M^a Helena Mira e BRITO, A. M., DUARTE, I. Silva, FARIA, I. Hub (1983), *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra, 2^{ed.}, 1989.
- NEMÉSIO, Vitorino (1944), *Mau Tempo no Canal*, 8^{ed.}, Livraria Bertrand, Lisboa, 1980.
- OLIVEIRA, Fátima (1991), "Funções discursivas de alguns tempos do passado em português", in *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*, Associação Portuguesa de Linguística, pp.165-185.
- PAVÃO, J. Almeida (1990), *O Além da Ilha*, EGA-Empresa Gráfica Açoreana, Lda., s.l.
- QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH e SVARTVIK (1972), *A University Grammar of English*, 9^{ed.}, Longman, Londres, 1991.
- REICHENBACH, H. (1947), *Elements of Symbolic Logic*, Nova Iorque.
- SMITH, Carlota S. (1978), "The syntax and interpretation of temporal expressions in English", in *Linguistics and Philosophy*, vol.2, n^o1 (pp.44-99).